

A PERDA DA ORDEM V(ERBO) S(UJEITO) EM INTERROGATIVAS QU- NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Maria Eugênia Lamoglia DUARTE (Doutorado-Universidade Estadual de Campinas)

ABSTRACT: Based on the analysis of the linguistic development of a Brazilian child from 1;3 to 2;0 and after reviewing critically some of the important papers on negation in linguistic development, I argue for the need to consider indetermination which characterizes the child's negative utterances. I also draw attention to the adult's role making sense of those utterances. Finally, based on a polyphonic hypothesis about negative utterances, I discuss some transformations on the child's relationship with language observed in his/her negative utterance constructions during the period mentioned above.

1. Introdução

Estudos teóricos recentes mostram que, enquanto em espanhol (Torrego, 1984) a inversão V(erbo) S(ujeito) aplica-se obrigatoriamente quando os elementos qu- funcionam como argumentos internos do verbo, quer nas interrogativas diretas, quer nas indiretas, em português europeu (Âmbar, 1987) ela é obrigatória apenas nas interrogativas diretas, independentemente do estatuto sintático do elemento qu-, desde que não acompanhado de um N'. As únicas exceções a esta generalização ficam por conta do sintagma interrogativo 'que', detonando sempre a inversão também nas interrogativas indiretas, e do expletivo 'é que' ¹, permitindo evitar a inversão obrigatória nos casos mencionados².

Ora, uma primeira observação de tais construções no português do Brasil revela que a ordem V S é muitíssimo restrita, ocorrendo quase sempre facultativamente com certos pronomes interrogativos e em estruturas com apenas um argumento foneticamente realizado (cf. Tarallo e Kato, 1989). Comparando os dados de Torrego e Âmbar com alguns dados do português do Brasil, Kato (1987) levanta uma interessante questão: seria a ordem V S em português resultante de uma regra sintática (como em português europeu e espanhol) ou seria uma regra estilística, no conceito ortodoxo do termo?

Este trabalho é uma tentativa inicial de buscar os fatores que mais fortemente teriam condicionado a mudança da ordem V S nas construções interrogativas qu- no português do

Brasil, sob a hipótese de que ela coincide com o aparecimento do expletivo 'é que', para depois se estender pelas estruturas em que tal inserção não ocorre. Os poucos casos de inversão que ainda permanecem dependem da regência verbal e da estrutura do sujeito.

Trata-se de um trabalho empírico, indutivo, que procurará traçar um quadro da evolução da ordem com base em uma modalidade de língua escrita informal. A partir dos resultados aqui apresentados, em que pese o número reduzido de dados utilizados, será possível concluir que, de fato, os contextos em que ocorre a ordem V S deixam dúvidas, com raras exceções, quanto ao fato de se tratar realmente de casos de inversão provocada pela estrutura interrogativa. Espera-se ainda, com esta análise empírica, contribuir para um tratamento mais dedutivo do fenômeno.

2. Procedência dos dados

O 'corpus' para a pesquisa foi extraído de peças teatrais escritas nos séculos XIX e XX. A título de manutenção da uniformidade de estilo, foram selecionadas apenas comédias, não só pelo caráter mais informal (o que pode fornecer um quadro mais próximo da língua falada na época) como também pela preferência que nossos autores sempre mostraram por essa modalidade dentro do gênero. E, apesar da utilização de um autor por período analisado, considero a amostra bastante representativa da norma coloquial da época, dada a popularidade de cada um deles.

Foram ainda tomados dois pontos extremos para uma observação mais clara do fenômeno em questão. O ponto de partida é uma peça escrita por Antônio José, o Judeu, em 1734. Embora o autor, nascido no Rio de Janeiro, tenha vivido e produzido sua obra em Portugal, acredito ser válido tomá-lo como ponto inicial por diversas razões: não tínhamos, na época, produção literária genuinamente brasileira, muito menos teatral; a maioria de nossos autores dos séculos XVIII e XIX tinha formação portuguesa; era também no português europeu que até há bem pouco tempo se inspiravam (ou ainda se inspiram?) nossas gramáticas e livros escolares.

O outro extremo da linha que desejo traçar chega a 1989 com a linguagem das novelas de TV, que nos trarão uma amostra do teatro vivo, representado, e fornecerão à pesquisa um retrato bem atual da estrutura das interrogativas, permitindo ainda uma comparação entre os textos escritos mais recentemente e a língua falada.

3. A seleção dos dados

Tendo em vista o objetivo do trabalho, foram computadas apenas as estruturas com sujeito expreso e não representado pelo elemento interrogativo em COMP³. Assim, foram excluídas frases existenciais e temporais; interrogativas contendo sujeito elíptico, indeterminado ou topicalizado, como em:

(1) Senhora, eu, que tenho com isso? (A.José)

sentenças nas quais sujeito e predicativo não se distinguem estruturalmente, como:

(2) Qual é o asno? (A.José)

e aquelas com ordem já cristalizada na língua, como:

(3) Como vai a sua senhora? (França Jr.)

Foram consideradas interrogativas indiretas todas as subordinadas introduzidas por indefinidos e advérbios interrogativos sem antecedente expreso.

A tabela a seguir mostra a procedência e o total dos dados analisados.

Tabela 1. Procedência e total dos dados analisados

				Total
XVIII	1734	Antônio José	"Esopaida ou A Vi da de Esopo"	44
XIX	1845	Martins Pena	"O Noviço"	44
XIX	1882	França Jr.	"Como se fazia um deputado" e "Caiu o Ministério"	43
XX	1918	Gastão Tojeiro	"O Simpático Jere mias"	41
XX	1937	Armando Gonzaga	"O hóspede do quar to nº 2"	57
XX	1955	Millor Fernandes	"Um Elefante no Caos"	44
XX	1975	Carlos E. Novaes	"A Mulher Integral"	58
XX	1989	Novela de TV	"Tieta" e "Que Rei Sou Eu"	44
TOTAL				375

4. Os grupos de fatores

A variável dependente - inversão ou não inversão - foi investigada em relação aos seguintes grupos de fatores:

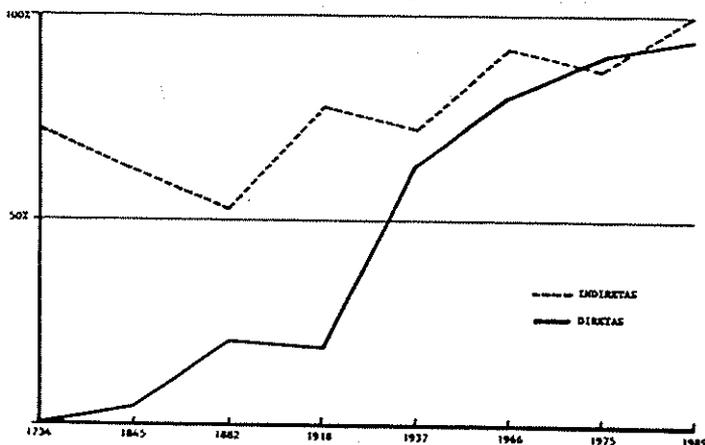
- a) tipo de interrogativa (direta/indireta);
- b) estrutura do sintagma qu- (palavra qu-/palavra qu- + N');
- c) palavra qu- (que/o que);
- d) função do sintagma qu- (argumento interno/expressão adverbial);
- e) número de argumentos foneticamente realizados (um/mais de um);
- f) presença do expletivo 'é que';
- g) estatuto lexical do sujeito (SN/pronome);
- h) período de tempo

Os grupos de fatores de (a)-(f) foram considerados importantes condicionadores da ordem, quer em espanhol, quer no português europeu, pelos autores citados na seção 1 deste trabalho; daí sua inclusão. O fator (g) - o estatuto lexical do sujeito - foi hipotetizado como possível condicionador durante a seleção dos dados.

5. Apresentação dos resultados

O primeiro processamento dos dados, que considera cada um dos diferentes grupos de fatores em relação ao valor de aplicação selecionado - a ordem S(ujeito) V(erbo) - não traz resultados relevantes ao que pretendo discutir aqui, uma vez que não há distinção entre interrogativas diretas e indiretas e período de tempo conjuntamente. Por isso, passo a apresentar os resultados obtidos a partir do cruzamento de grupos de fatores, a começar exatamente pelos dois mencionados acima, como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1. Ocorrência da ordem S V segundo o tipo de interrogativa qu- e o período de tempo.



Em 1734, nosso ponto de partida, todas as interrogativas diretas exibem a ordem V S, não havendo ocorrências de sujeito anteposto ao verbo. Quase cem anos depois, a mesma regra parece vigorar para a estrutura das interrogativas diretas, uma vez que os 4% de ordem S V que aparecem em 1845 correspondem a apenas uma ocorrência, num total de 28 sentenças; examinada atentamente, a frase é interrogativa direta pela pontuação, mas sua estrutura, encaixada numa oração matriz, assemelha-se à de uma interrogativa indireta:

(4) Agora diz-me, onde ela está? (63)

Os dois períodos seguintes mostram um sensível aumento no uso da ordem S V (20% em 1882 e 19% em 1918), que é, contudo, amplamente superado ainda pelo uso da ordem V S. A partir daí cresce de maneira acentuada a preferência pela ordem direta, que supera a anteposição do verbo: de 63% em 1937, chegamos ao texto das novelas com 94% de uso da ordem S V.

Quanto às interrogativas indiretas, o que o gráfico revela é que a ordem S V sempre teve preferência sobre a inversão, mantendo-se numa média de 68% até a primeira metade deste século. A partir de 1955, os índices superam a marca dos 90% de ocorrências e chegamos a 1989 com 100%.

Que fatores estariam condicionando esse favorecimento crescente e constante do uso da ordem S V? Vejamos o que revela o exame dos fatores examinados, a começar pelo uso do expletivo 'é que', apresentado na tabela 2 a seguir.

Tabela 2. Distribuição das interrogativas diretas segundo o período, a ordem e o uso do expletivo.

PERÍODO	INTERROGATIVAS DIRETAS								TOTAL
	ORDEM V S EXPLETIVO				ORDEM S V EXPLETIVO				
	AUSENTE		PRESENTE		AUSENTE		PRESENTE		
APL	%	APL	%	APL	%	APL	%		
1734	30	100	-	-	-	-	-	-	30
1845	27	96	-	-	1	4	-	-	28
1882	23	77	1	3	2	7	4	13	30
1918	26	81	-	-	3	9,5	3	9,5	32
1937	17	37	-	-	-	-	29	63	46
1955	6	20	-	-	7	23	17	57	30
1975	1	2	3	8	12	29	25	61	41
1989	-	-	2	6	2	6	30	88	34

Como se vê, o uso da ordem S V, excetuando-se a única ocorrência um tanto ambígua mostrada em (4) acima, coincide com o aparecimento do expletivo 'é que', em 1882. Das 6 ocorrências de ordem S V, 4 apresentam o expletivo:

- (5) O que é que tu tens nesta barriga? (135)
- (6) O que foi que ele fez? (138)
- (7) O que foi que ele soube? (149)
- (8) O que é que eu represento? (155)

Curiosamente, há duas ocorrências de S V sem o expletivo e uma de V S com expletivo, todas com um elemento qu- adverbial:

- (9) E para que você quer ser ministro, seu Chico? (163)
- (10) Mas para que o senhor quer saber tudo isto? (172)
- (11) E onde é que foi a mulher do Seabra?(158)

Um exame à primeira vista parece sugerir que esta falta de regularidade da ordem em relação ao uso do expletivo reflete justamente um período de mudança no sistema. Esta indecisão estende-se até 1918, quando se mantém o percentual de S V e a indefinição na relação 'presença do expletivo/ordem S V'. Das 6 ocorrências de S V, metade apresenta o expletivo

acompanhando o mesmo interrogativo 'como' e metade aparece sem o expletivo, com os interrogativos 'por que', 'para que' e 'quando':

(12) Como é que o senhor os trouxe para aqui?(227)

(13) E por que ela fez isso? (221)

Este estágio de variação atinge um grau de estabilidade evidente no período seguinte, 1937, quando o sistema se regulariza. A variante S V mostra-se implementada no sistema (63%) e a presença do expletivo, determinante. Não há um só caso de S V sem o expletivo, como não há tampouco um só caso de V S com ele:

(14) Que é que você veio fazer aqui novamente? (340)

(15) Mas que veio você fazer aqui novamente? (341)

A partir daí, entretanto, perde-se esta regularidade: a ordem S V não pára de crescer, mas o expletivo deixa de ser seu único condicionador. Em 1955, embora predomine o uso do expletivo nos casos de ordem S V, já aparecem 23% (7 casos) sem ele. A esse respeito é importante observar que a norma estabelecida no período anterior se mantém para as sentenças cujo elemento qu- é um argumento interno do verbo:

(16) Que fez seu filho com o cheque que recebeu? (119)

(17) Que é que você está fazendo? (91)

mas perde-se com os elementos qu- ligando expressões adverbiais, tal como ocorria antes da regularização, o que possibilita encontrar três variantes coexistindo:

(18) De onde surgiu você? (107)

(19) Onde é que você andou até agora? (92)

(20) Onde você andou? (93)

Em 1975, a ordem do S V sem o expletivo amplia seus contextos de aplicação, aparecendo com elementos qu- que ligam um argumento interno:

(21) E o que você quer? (291)

(22) O que é que você perguntou a ele? (298)

e, embora inexpressivos em termos percentuais, os casos de inversão voltam a exibir o expletivo, perdendo este o seu papel de detonador, ou facilitador, da ordem S V.

Os dados de 1989 fornecem suporte à sugestão acima: o expletivo está presente nos dois únicos casos de V S e em 88% dos 94% de casos de S V. Há, contudo, dois casos de S V sem ele:

(23) Onde você está? (177)

Com relação às interrogativas indiretas, vale ressaltar que foram encontradas duas ocorrências com o expletivo em 1882, época em que se introduz no sistema:

(24) Agora o que se quer saber é como é que os cachorros puxam. (170)

e cinco no último período analisado:

(25) Eu quero saber por que que⁴ ela tá no Agreste. (194)

A questão que se levanta neste ponto do trabalho é a seguinte: com a generalização da ordem S V e a perda da exclusividade por parte do expletivo em condicioná-la, que contextos ainda favorecem a ordem V S?

Observemos, inicialmente, o uso dos interrogativos 'que' e 'o que'. Só a partir de 1845, este último, antes restrito às interrogativas indiretas, começa a aparecer nas diretas, intercambiando-se aparentemente com 'que':

(26) Mas o que tens tu? (75)

(27) Mas que tens tu, Emília, tão inquieta? (76)

Com o aparecimento do expletivo (1882), nota-se que as interrogativas iniciadas por 'que' não se usam com ele, mantendo a ordem V S, enquanto as iniciadas por 'o que' aparecem com ou sem o expletivo, obedecendo ao condicionamento que ele exerce. Durante os dois períodos seguintes (1918 e 1937), contudo, desaparecem novamente as interrogativas diretas com 'o que', que só retorna no texto de 1955, quando um paradigma se estabelece: o interrogativo 'o que' detona sempre a ordem S V, com o expletivo, enquanto o interrogativo 'que' aciona a ordem S V com o expletivo e V S sem ele:

- (28) O que é que o país pode esperar de gente como você?
(121)
- (29) Que é que ele disse? (104)
- (30) Que faz você? (110)

A construção em (30) não ocorre nos dois últimos períodos, sugestão de que o uso do interrogativo 'que' se restringe a contextos mais formais em língua escrita. Este parece ser um dos dois únicos casos em que o português do Brasil se comporta como o europeu (cf. Âmbar, op. cit.). O outro refere-se às interrogativas construídas com elemento qu- + N', nas quais a ordem é facultativa em português europeu atual. Apesar da reduzida ocorrência (18 casos), observa-se que tais estruturas apresentam a ordem V S até 1937 e a partir daí a ordem S V:

- (31)... e que melhor ocasião podia Vossa Mercê ter? (13)
- (32) Mas que emprego eu posso arranjar?(94)

Prosseguindo no propósito de buscar os contextos que continuam a favorecer a ordem V S, examinemos as interrogativas em que ela ocorre nos dois períodos mais recentes:

- (33) Como é que vai ser a reprodução da espécie? (268)
- (34) E onde está o resto? (294)
- (35) E como é que se comportam as pessoas civilizadas?
(312)
- (36) Como é que me acontece uma coisa dessas? (316)
- (37) Onde é que tá aquela desgraçada? (179)
- (38) Onde é que se enfiou o endemoniado? (202)

A presença do expletivo em cinco das seis sentenças acima vem reforçar a constatação de que ele deixa de ser condicionador da ordem. O que chama a atenção, em primeiro lugar, é o fato de que todas as palavras interrogativas são elementos adverbiais, embora algumas sejam mais frouxamente ligadas ao verbo que outras. Em segundo lugar, observa-se que apenas um argumento (o sujeito) se realiza foneticamente e, o que é importante, através de um SN. Em todas as sentenças (33)-(38) poderíamos ter a ordem S V se substituíssemos o SN por um

pronome, que é, aliás, o que ocorre nos períodos em questão:

- (39) Onde você está? (177)
 (40) Aonde você vai? (218)
 (41) Como é que ele era? (186)

A esse respeito, vale a pena observar a tabela 3

Tabela 3. Distribuição das interrogativas diretas segundo o período, a ordem e o estatuto lexical do sujeito.

PERÍODO	ORDEM VS						ORDEM SV						TOTAL APL %	
	EST. LEX. DO SUJEITO						EST. LEX. DO SUJEITO							
	SN		PRONOME		OUTROS ³		SN		PRONOME		OUTROS			
	APL %	APL %	APL %	APL %	APL %	APL %	APL %	APL %	APL %	APL %	APL %			
1734	20	67	7	23	3	10	-	-	-	-	-	-	30	100
1845	14	50	13	46	-	-	-	-	1	4	-	-	28	100
1882	10	33	11	37	3	10	-	-	6	20	-	-	30	100
1918	12	37	13	41	1	3	-	-	6	19	-	-	32	100
1937	3	7	14	30	-	-	2	4	27	59	-	-	46	100
1955	2	7	3	10	-	-	1	3	24	80	-	-	30	100
1975	4	10	-	-	-	-	5	12	32	78	-	-	41	100
1989	2	6	-	-	-	-	1	3	31	91	-	-	34	100

Observa-se que, desde que começa a ser usada, a ordem S V privilegia as estruturas com sujeito pronominal, tendência que cresce a partir de 1937.

Vejamos se as sentenças (33)-(38) aceitariam a ordem S V com o sujeito lexical:

- (33') Como é que a reprodução da espécie vai ser?
 (34') E onde o resto está?
 (35') E como é que as pessoas civilizadas se comportam?
 (36') Como é que uma coisa dessas me acontece?
 (37') Onde é que aquela desgraçada (es)tá?
 (38') Onde é que o endemoniado se enfiou?

Com exceção de (35') e (38'), em que temos um verbo reflexivo intransitivo, a ordem S V soa menos natural com os inacusativos 'acontecer', 'ser' e 'estar', particularmente em (34'), que exhibe um sujeito com o traço (-animado).

Em resumo, a ordem V S está restrita a interrogativas que se constroem com alguns verbos intransitivos (6), com os verbos 'ser', 'estar' e com os chamados 'verbos apresentativos', que, nas sentenças declarativas, normalmente apresentam o SN posposto, o que deixa dúvidas quanto ao fato de se tratar realmente de inversão. A tal conjunto de verbos, soma-se a representação do sujeito por um SN lexical e o fato de que apenas este argumento se faz representar foneticamente.

As mesmas restrições verificam-se nos raros casos de ordem V S em interrogativas indiretas de períodos mais recentes:

(40) Mas você sabe como são essas coisas. (102)

(41) Sabe por que não sobra nada pra gente? (314)

6. O encaixamento da mudança

Weinreich, Labov e Herzog (1968: 172) afirmam que "os linguístas desconfiam de qualquer explicação para a mudança que deixe de mostrar a influência do ambiente estrutural sobre o traço em questão". Segundo eles, "é razoável supor que o traço esteja encaixado numa matriz lingüística que mude com ele". Assim, a este ponto do trabalho, uma questão se levanta: como se encaixa no sistema essa crescente perda da ordem V S nas interrogativas qu-?. Ou ainda, nos termos dos autores citados acima, "que outras mudanças se encontram associadas" a esta mudança específica "de uma maneira não acidental?" (op.cit.:101).

Três estudos diacrônicos recentes, centrados em tópicos diversos, apontam para um enrijecimento cada vez maior da ordem em orações declarativas do português do Brasil. Berlinck (1988, 1989), estudando a ordem V SN, observa uma frequência gradualmente menor de SNs pospostos ao verbo ao longo dos períodos estudados (séculos XVIII, XIX e XX) e aponta, entre os fatores que ainda favorecem tal ordem na atualidade, a presença do verbo intransitivo na sentença, ao contrário do que ocorria em períodos anteriores. Numa comparação entre a queda de frequência na retenção pronominal em função de objeto direto e a queda de frequência de V SN com verbos transitivos, a autora encontra evidência para relacionar os dois fenômenos: a perda de um sistema produtivo de clíticos acusativos estaria provocando uma rigidez maior na ordem dos constituintes,

tornando a posição do SN o indicador de sua função. Daí a mudança ter-se iniciado nos "contextos mais transitivos, agindo mais brandamente à medida que os contextos se intransitivizavam". (op.cit.: 101)

Também o fenômeno estudado por Ramos (1989) - a marcação preposicional do objeto direto em quatro períodos de tempo (séc. XVI-XIX) e em um 'corpus' sincrônico de língua falada - mostrou-se parte de uma mudança mais ampla no sistema. A forma variante em questão, favorecida entre outros fatores pela não-adjacência, pela ordem OV e VXO, apresentou-se em frequência cada vez menor justamente por uma tendência cada vez maior ao uso da ordem S V na língua.

Temos, finalmente, o trabalho de Decat (1989), que procura traçar a história das construções de tópico no português do Brasil e compará-las com a forma pela qual se apresentam hoje, ou seja, construções em que tópico e sujeito se identificam, provocando a concordância verbal, e aquelas em que o tópico é retomado por um pronome-cópia. Na busca das condições que permitem tais construções, a autora também aponta - além do enfraquecimento da morfologia verbal de pessoa para os casos de construção de tópico de sujeito -- a alteração no quadro de clíticos acusativos e o conseqüente enrijecimento da ordem dos contituíntes. Isso explica não só a presença dos pronomes-cópia em construções de tópico de objeto como também a "reanálise" do tópico (cf.op.cit.:120). em muitos casos, como sujeito da sentença, por força de sua posição.

Em vista disso, não surpreende, pois, que uma mudança iniciada na primeira metade do séc. XIX - a queda da retenção pronominal em função de objeto direto (cf. Tarallo, 1983) - e a conseqüente perda de maior flexibilidade na ordem das orações declarativas tenham produzido reflexos, um século depois, nas orações interrogativas qu-. A introdução do expletivo coincide com esta mudança, o que atesta o comprometimento entre as duas inovações. Não surpreende, tampouco, que as interrogativas com certos verbos apresentativos continuem exibindo a ordem V S, que, conforme atestam os trabalhos comentados acima, já está cristalizada em orações declarativas.

Longe, portanto, de estarmos diante de um caso de mudança isolada, defrontamo-nos com uma mudança encaixada no sistema, que revela, nos termos de Tarallo (1990: 177), "a possibilidade de o próprio sistema resolver sua variação de dentro para fora e rearranjar partes de sua sintaxe com base em outras instâncias variáveis do mesmo sistema, de tal maneira a manter a 'máquina' gramatical em pleno funcionamento".

7. O condicionamento estilístico na ordem VS - SV

O objetivo deste trabalho, exposto na seção 1, foi traçar o caminho percorrido pelas interrogativas qu-, na tentativa de buscar os fatores que mais fortemente teriam condicionado a evolução da ordem V S para S V nessas construções. Neste sentido, acredito que, apesar do modesto 'corpus' utilizado, a análise apresentada na seção 5 permite concluir que tal mudança se inicia timidamente juntamente com o aparecimento do expletivo 'é que' a partir da segunda metade do séc. XIX quando também aparece como fator coadjuvante nesse favorecimento o caráter adverbial do elemento qu-. Só em fins da primeira metade deste século (1937), o condicionamento por parte do expletivo implementa-se no sistema para perder-se a partir da segunda metade do século (1955), quando a ordem S V se expande para estruturas em que ele não ocorre, a começar novamente pelas interrogativas com elemento qu- adverbial. Resistem a essa expansão apenas 10% e 6% das interrogativas diretas dos dois últimos períodos analisados (cf. Tabela 2).

Um outro propósito do trabalho, também exposto em 1, era tentar buscar subsídios para a questão levantada por Kato (op.cit.) sobre ser a ordem V S no português do Brasil resultante de uma regra sintática ou estilística. Vejamos agora o que se pode dizer a esse respeito.

Deve-se enfatizar, inicialmente, que o termo 'regra estilística' usado por Kato refere-se ao caráter facultativo da inversão (7). A autora deixa claro que o "fato de uma regra não ter praticamente nenhum contexto categórico para sua aplicação parece corresponder ao conceito ortodoxo de regra estilística" (op.cit.p:250). Não há dúvida de que os dados de textos recentes aqui analisados confirmam o caráter facultativo da inversão apontado por Kato. Mais que isso, eles nos conduzem a uma clara correlação entre 'ordem S V' e 'informalidade de estilo'. E é dentro dessa perspectiva que o trabalho permite colocar a questão de forma diferente: seria a realização da ordem condicionada estilisticamente?

Consideremos os resultados encontrados por Pontes (1982), que, examinando estruturas interrogativas na língua escrita contemporânea, constata invariavelmente a inversão em interrogativas qu- diretas (8). Ora, tais resultados, diametralmente opostos aos que aponto neste trabalho, longe de constituírem um problema, fornecem suporte para sugerir uma resposta à questão levantada acima. Se levarmos em conta que Pontes extraiu seus dados de um romance (Galo das Trevas, de Pedro Nava), um livro de poesias (Discurso de Primavera e Algumas Sombras, de Carlos Drummond de Andrade) e de um exemplar da revista Isto É, temos elementos para supor que a

ordem V S no português do Brasil esteja relacionada não à distinção entre língua escrita e falada, mas à distinção entre estilo formal e estilo informal, incluindo-se nesta última modalidade os textos escritos de peças teatrais de caráter popular e a linguagem das novelas de TV, aqui analisados.

Numa modalidade de estilo mais formal, porém, particularmente (mas não necessariamente) na língua escrita, que ainda apresenta um sistema de clíticos acusativos em funcionamento e, conseqüentemente, permite maior flexibilidade na ordem, a realização de V S pode ultrapassar os estreitos limites apontados, aparecendo com verbos transitivos e intransitivos com sujeito pronominal, o que reforça, de um lado, o caráter facultativo da inversão no português do Brasil e, de outro, a atuação de forte condicionamento estilístico na realização da ordem.

NOTAS

* Agradeço a Ruth E. Lopes Moino, doutoranda do programa de Linguística da UNICAMP, a ajuda indispensável no processamento dos dados.

(1) Sem ignorar que a gramática gerativa distingue a construção clivada 'é que', 'foi que' da construção 'que', tais expressões serão rotuladas de 'expletivo' ao longo deste trabalho, segundo classificação da gramática tradicional. A diferença estrutural das expressões não interfere na representação da ordem VS/SV das interrogativas em estudo, como ilustram os exemplos a seguir:

- (i)a. Que é que eu fiz?
- b. Que foi que eu fiz?
- c. Que que eu fiz?

- (ii)a. Quando é que o João chegou?
- b. Quando foi que o João chegou?
- c. Quando que o João chegou?

(2) As estruturas mais relevantes do português europeu fornecidas por Âmbar (op.cit.:6-11) podem ser assim agrupadas:

- (i)a. Que comprou a Joana?
- b. Que é que a Joana comprou?
- c. Sabes que comprou a Joana?
- (ii)a. O que comprou a Joana?
- b. O que é que a Joana comprou?
- (iii)a. Quem encontrou o João?
- b. Quem é que o João encontrou?
- (iv)a. Onde comprou o João essa revista?
- b. Onde é que o João comprou essa revista?
- (v)a. Que vinho bebe o João habitualmente?

b. Que vinho o João bebe habitualmente?

Nos textos analisados do português do Brasil, as estruturas em (a) e (c), inversões com verbos transitivos, só foram atestadas até 1955.

(3) Esta e as demais restrições impostas aos dados são responsáveis por sensível redução no total de interrogativas analisadas. Para que se faça uma idéia, apenas 44 das 255 interrogativas encontradas na primeira peça utilizada (de 1734) escaparam a essas restrições.

(4) Apenas nos dois últimos períodos analisados, o texto escrito em 1975 e o texto gravado de 1989, o expletivo aparece com a forma 'que', acompanhando, em geral, os interrogativos 'que', 'o que', 'para que' e 'por que':

(i) Que que eu faço?

(ii) O que que eu faço?

(5) Sob esse título encontram-se as interrogativas cujos sujeitos são representados por pronomes demonstrativos e indefinidos.

(6) Com a maior parte dos intransitivos permanece a preferência pela ordem S V, mesmo com sujeitos lexicais:

(i) E por que então as pessoas se casam? (261)

(ii) E por que os erros persistem? (263)

(7) Lobato (1988) defende a existência de uma regra estritamente sintática para a anteposição do verbo por razões que independem de seu caráter facultativo.

(8) Os três exemplos que a autora apresenta constroem-se com o verbo 'ser' (numa frase em que sujeito e predicativo não se distinguem estruturalmente), 'estar' e 'valer', condicionadores normais da ordem V S na língua oral e na escrita informal. Já que todas as interrogativas encontradas pela autora (op.cit.: 102) apresentam a ordem V S, teria sido interessante saber se ocorreram inversões com verbos transitivos.

PEÇAS USADAS PARA A COLETA DE DADOS

1734 - Antônio José da SILVA, o Judeu. 'Esopaida ou a Vida de Esopo' - ópera que se representou no Teatro do Bairro Alto de Lisboa, no mês de abril de 1734. In: A VIDA DE ESOPHO E GUERRAS DO ALECRIM E DA MANJERONA. EDIOURO/41337 - Coleção Prestígio. (Sem data de publicação)

1845 - Martins PENA. 'O Noviço' In: COMÉDIAS DE MARTINS PENA, EDIOURO/71327 - Coleção prestígio. (Sem data de publicação).

1882 - FRANÇA JUNIOR. 'Como se fazia um deputado' e 'Caiu o ministério' In: TEATRO DE FRANÇA JUNIOR, tomo II, Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro. MEC, SEAC, FUNARTE e SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO, 1980.

1918 - Gastão TOJEIRO, 'O Simpático Jeremias' - apresentado

- pela primeira vez em 1918. Ed. da Sociedade Brasileira de Autores Theatraes: 1918.
- 1937 - Armando GONZAGA. 'O hóspede do quarto No. 2' - apresentada pela primeira vez em 1937. Ed. da Sociedade Brasileira de Autores Theatraes: 1938.
- 1955 - MILLOR FERNANDES. 'Um Elefante no Canos' In: Coleção Teatro de Millor Fernandes, vol. 7 RS: L & PM Editores Ltda. 1979.
- 1975 - Carlos E. NOVAES. 'A mulher Integral' - cópia cedida pela biblioteca da UNI-RIO (RJ), sem data de publicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÂMBAR, M. (1987) "Gouvernement et Inversion dans les Interrogatives QU- en Portugais". *Recherches Linguistiques* 16.
- BERLINCK, R. de A. (1988) A Ordem V SN no Português do Brasil: Sincronia e Diacronia. Dissertação de mestrado. IEL, UNICAMP.
- _____ (1989) "A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem". In Tarallo (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Editora Pontes.
- DECAT, M.B.N. (1989) "Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal." In: Tarallo (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Editora Pontes.
- KATO, M.A. (1987) "Inversão da ordem S V em interrogativas no português: uma questão sintática ou estilística?" D.E.L.T.A. vol. 3, No. 2.
- LOBATO, L.M.P. (F1988) "Sobre a regra de anteposição do verbo no português do Brasil." D.E.L.T.A. vol. 4, No. 1.
- PONTES, E. (1982) "A ordem V S em português." *Ensaio de Lingüística*, vol. 7.
- RAMOS, J. (1989) "O emprego de preposições no português do Brasil." In: Tarallo (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Editora Pontes.
- TARALLO, F. e M. A. KATO (1989) "Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística." *Preedição*, No. 5. Campinas.
- TARALLO, F. (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutoramento, University of Pennsylvania.
- _____ (1990) *Tempos Lingüísticos*. São Paulo: Ática.
- TORREGO, E. (1984) "On inversion in Spanish and some of its effects." *Linguistic Inquiry*, vol. 15
- WEINREICH, U., W. LABOV e M. HERZOG (2968) "Empirical foundations for a theory of language change." In: LEHMANN & MALKIEL: *Directions for Historical Linguistics*. University of Texas, Austin.